

Papa Francisco



HOMILIAS 2025

Editado por





Santa Sé

PAPA FRANCISCO

Homilias 2025

Textos obtidos a partir de
vatican.va

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS

LVIII DIA MUNDIAL DA PAZ

Basílica de São Pedro

Quarta-feira, 1º de janeiro de 2025

No início de um novo ano que o Senhor nos concede, é bom poder erguer o olhar do nosso coração para Maria. Na verdade, Ela, sendo Mãe, remete-nos para a relação com o Filho: leva-nos outra vez a Jesus, fala-nos de Jesus, conduz-nos a Jesus. Assim, a Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus faz-nos imergir de novo no Mistério do Natal: Deus fez-se um de nós no seio de Maria, e a nós, que abrimos a Porta Santa para iniciar o Jubileu, recorda-se-nos hoje que “Maria é a porta pela qual Cristo entrou neste mundo” (Santo Ambrósio, *Epístola* 42, 4: PL, VII).

O apóstolo Paulo resume este Mistério afirmando que «Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher» (Gl 4, 4). Estas palavras – “nascido de uma mulher” – ressoam agora no nosso coração e recordam-nos que Jesus, nosso Salvador, *se fez carne e se revela na fragilidade da carne*.

Nascido de uma mulher. Antes de mais, esta expressão leva-nos ao Natal: o Verbo *fez-se carne*. O apóstolo Paulo, ao especificar que nasceu de uma mulher, sente quase a necessidade de nos recordar que Deus se fez verdadeiramente homem através de um ventre humano. Hoje em dia, há uma tentação que fascina muitas pessoas e pode enganar também muitos cristãos: imaginar ou fabricar para nós um Deus “abstrato”, ligado a uma vaga ideia religiosa, a uma fugaz agradável emoção. Ao invés, é concreto, é humano: Ele nasceu de uma mulher, tem um rosto e um nome, e chama-nos a manter uma relação com Ele. Cristo Jesus, o nosso Salvador, nasceu de uma mulher; tem carne e sangue; veio do seio do Pai e, todavia, encarnou no ventre da Virgem Maria; pertence aos altos céus e, apesar disso, habita nas profundezas da terra; é o Filho de Deus e, no entanto, fez-se Filho do homem. Ele, imagem de Deus Onipotente, veio na fraqueza e, embora não tivesse mácula alguma, «Deus o fez pecado por nós» (2 Cor 5, 21). Nasceu de uma mulher e é *um de nós*. Por isso mesmo, Ele pode salvar-nos.

Nascido de uma mulher. Esta expressão fala-nos também da humanidade de Cristo, para nos dizer que Ele se revela na fragilidade da carne. Se Ele desceu no seio de uma mulher, nascendo como todas as criaturas, ei-lo que se mostra na fragilidade de uma criança. É por isso que os pastores, quando foram ver com os seus próprios olhos o que o Anjo lhes tinha anunciado, não encontram sinais extraordinários nem manifestações grandiosas, mas «encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura» (Lc 2, 16). Encontram um recém-nascido indefeso, frágil, necessitado dos cuidados da mãe, de agasalhos e leite, de carícias e amor. São Luís Maria Grignion de Montfort diz que a Sabedoria divina, «embora o pudesse fazer, não quis dar-se diretamente aos homens, mas preferiu dar-se por meio da Virgem Santíssima. Nem quis vir ao mundo na idade de um homem perfeito, independente dos outros, mas como uma pobre pequena criança, necessitada dos cuidados e do sustento da Mãe» (*Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, 139). E assim, em toda a vida de Jesus, podemos confirmar esta escolha de Deus, a escolha da pequenez e do escondimento. Ele nunca sucumbirá ao fascínio do poder divino para realizar grandes sinais e impor-se aos outros, como o demónio lhe tinha sugerido, mas revelará o amor de Deus na beleza da sua humanidade, habitando entre nós, partilhando a vida comum feita de trabalhos e sonhos, compadecendo-se dos sofrimentos do corpo e do espírito, abrindo os olhos aos cegos e revigorando os desanimados. Compadecendo-se! As três atitudes de Deus são misericórdia, proximidade e compaixão: Deus faz-se próximo, misericordioso e compassivo. Não o esqueçamos. Jesus mostra-nos Deus através da sua frágil humanidade, que cuida dos mais frágeis.

Irmãos e irmãs, é bonito pensar que Maria, a jovem de Nazaré, nos leva sempre para o Mistério do seu Filho, Jesus. Ela recorda-nos que Jesus vem na nossa carne e, por isso, o lugar privilegiado onde podemos encontrá-lo é, antes de mais, a nossa vida, a nossa frágil humanidade e a de quem passa por nós todos os dias. Invocando-a como Mãe de Deus, afirmamos que Cristo foi gerado pelo Pai, mas nasceu verdadeiramente do ventre de uma mulher. Afirmamos que Ele é o Senhor do tempo, mas com a sua presença amorosa habita este nosso tempo, mesmo este novo ano. Afirmamos que é o Salvador do mundo, mas podemos encontrá-Lo e devemos procurá-Lo no rosto de cada ser humano. E se Ele, que é o Filho, se fez pequeno para ser segurado nos braços de uma mãe, para ser cuidado e amamentado, então

isso significa que ainda hoje Ele vem naqueles que precisam dos mesmos cuidados: em todos os irmãos e irmãs que encontramos e têm necessidade de atenção, escuta e ternura.

Confiemos a Maria, Mãe de Deus, este novo ano que começa, para que como Ela também nós aprendamos a encontrar a grandeza de Deus na pequenez da vida; para que aprendamos a cuidar de toda a criatura nascida de uma mulher, antes de mais protegendo o dom precioso da vida, como faz Maria: a vida no ventre materno, a vida das crianças, a vida de quem sofre, a vida dos pobres, dos idosos, de quem se encontra só, dos moribundos. E hoje, Dia Mundial da Paz, todos somos chamados a acolher este convite que brota do coração materno de Maria: proteger a vida, cuidar das vidas feridas – e há tantas vidas feridas, tantas! –, restituir a dignidade à vida de cada ser “nascido de uma mulher” é a base fundamental para construir uma civilização de paz. Por isso, «faço apelo a um firme compromisso de promover o respeito pela dignidade da vida humana, desde a concepção até à morte natural, para que cada pessoa possa amar a sua vida e olhar para o futuro com esperança» (*Mensagem para o LVIII Dia Mundial da Paz*, 1 de janeiro de 2025).

Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, espera-nos precisamente ali no presépio. Tal como aos pastores, ela mostra-nos o Deus que nos surpreende sempre e que não vem no esplendor dos céus, mas na pequenez de uma manjedoura. Confiemos-lhe este novo ano jubilar, entreguemos-lhe as nossas questões, preocupações, sofrimentos, alegrias e tudo o que trazemos no coração. Ela é Mãe! Confiemos-lhe o mundo inteiro, para que a esperança renasça e a paz germine finalmente em todos os povos da terra.

A história conta que, em Éfeso, quando os bispos estavam a entrar na igreja, o povo fiel, com bastões nas mãos, gritava: “Mãe de Deus!”. Os bastões, certamente, eram o aviso do que aconteceria se não declarassem o dogma da “Mãe de Deus”. Hoje, nós não temos bastões, mas temos coração e voz de filhos. Por isso, todos juntos, com força e por três vezes, aclamemos a Santa Mãe de Deus. Todos juntos: “Santa Mãe de Deus! Santa Mãe de Deus! Santa Mãe de Deus!”.

SANTA MISSA DA SOLENIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

Basílica de São Pedro

Segunda-feira, 6 de janeiro de 2025

«Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo» (Mt 2, 2): é este o testemunho que os Magos dão aos habitantes de Jerusalém, anunciando-lhes que nasceu o rei dos Judeus.

Os Magos testemunham que se puseram a caminho e realizaram uma mudança nas suas vidas, porque viram uma nova luz no céu. Enquanto celebramos a Epifania do Senhor no Jubileu da Esperança, podemos deter-nos a refletir sobre esta imagem. Gostaria de sublinhar três características da estrela de que nos fala o evangelista Mateus: *é brilhante, visível para todos e indica um caminho.*

Antes de mais, *a estrela é brilhante.* No tempo de Jesus, muitos governantes faziam-se chamar “estrelas” porque se sentiam importantes, poderosos e famosos. Não foi, porém, a sua luz – a de nenhum deles! – que revelou aos Magos o milagre do Natal. O seu esplendor artificial e frio, fruto de cálculos e jogos de poder, não foi capaz de responder à necessidade de novidade e esperança destas pessoas em busca. Fê-lo um *outro tipo de luz*, simbolizada pela estrela, que ilumina e aquece, queimando e deixando-se consumir. A estrela fala-nos da única luz que pode indicar a todos o caminho da salvação e da felicidade: a do amor. É a única luz que nos fará felizes!

Antes de mais, o amor de Deus, que se fez homem e se entregou a nós, sacrificando a sua vida. Depois, por repercussão, aquele [amor] com que também nós somos chamados a gastar-nos uns pelos outros, tornando-nos, com a sua ajuda, um sinal recíproco de esperança, mesmo nas noites escuras da vida. Pensemos nisto: somos luminosos na esperança? Somos capazes de dar esperança aos outros, com a luz da nossa fé?

Como a estrela guiou, com o seu brilho, os Magos até Belém, assim também nós, com o nosso amor, podemos levar a Jesus as pessoas que encontramos, fazendo-as conhecer, no Filho de Deus feito homem, a beleza

do rosto do Pai (cf. *Is* 60, 2) e o seu modo de amar, feito de proximidade, compaixão e ternura. Nunca o esqueçamos: Deus é próximo, compassivo e terno. O amor é isto: proximidade, compaixão e ternura. E podemos fazê-lo sem necessidade de instrumentos extraordinários e meios sofisticados, mas tornando o nosso coração luminoso na fé, o nosso olhar generoso no acolhimento, os nossos gestos e palavras cheios de bondade e humanidade.

Por isso, enquanto vemos os Magos que, com os olhos dirigidos ao céu, procuram a estrela, peçamos ao Senhor para ser, uns para os outros, luzes que levam ao encontro com Ele (cf. *Mt* 5, 14-16). É mau que uma pessoa não seja luz para os outros.

E assim chegamos à segunda característica da estrela: ela *é visível para todos*. Os Magos não seguem as indicações de um código secreto, mas uma estrela que veem resplandecer no firmamento. Eles reparam nela; outros, como Herodes e os escribas, nem sequer se apercebem da sua presença. Porém, a estrela está sempre lá, acessível a quem levante o olhar para o céu, em busca de um sinal de esperança. Eu sou um sinal de esperança para os outros?

Esta é uma mensagem importante: Deus não Se revela em círculos restritos ou a uns poucos privilegiados; Deus oferece a sua companhia e orientação a quem quer que O procure de coração sincero (cf. *Sal* 145, 18). Aliás, muitas vezes Ele antecipa as nossas demandas, vindo procurar-nos ainda antes de nós Lhe pedirmos (cf. *Rm* 10, 20; *Is* 65, 1). Precisamente por isso, no presépio, representamos os Magos com características que abrangem todas as idades e raças – um jovem, um adulto, um idoso, com os traços somáticos dos vários povos da terra – para nos recordar que Deus procura sempre todos, todos.

Como é importante meditarmos sobre isto nos dias de hoje, num tempo em que as pessoas e as nações, embora equipadas com meios de comunicação cada vez mais poderosos, parecem estar menos dispostas a compreender-se, aceitar-se e encontrar-se na sua diversidade!

A estrela, que a todos no céu oferece a sua luz, recorda-nos que o Filho de Deus veio ao mundo para encontrar todo o homem e mulher da terra, independentemente da etnia, língua ou povo a que pertença (cf. *Act* 10, 34-

35; Ap 5, 9), e que nos confia a mesma missão universal (cf. Is 60, 3). Isto é, chama-nos a banir todas as formas de discriminação, marginalização e descarte das pessoas, e a promover, em nós mesmos e nos ambientes em que vivemos, uma forte cultura do acolhimento, na qual às portas fechadas do medo e da rejeição se prefiram espaços abertos de encontro, integração e partilha; lugares seguros onde todos possam encontrar aconchego e abrigo.

É por isso que a estrela está no céu: não para permanecer distante e inacessível, antes pelo contrário, para que a sua luz seja visível a todos, para que chegue a todas as casas e ultrapasse qualquer barreira, levando a esperança aos cantos mais remotos e esquecidos do planeta. Está no céu para dizer a todos, com a sua luz generosa, que Deus não se nega a ninguém nem se esquece de ninguém (cf. Is 49, 15). Porquê? Porque Ele é um Pai cuja maior alegria é ver os seus filhos regressarem unidos a casa, vindos de todas as partes do mundo (cf. Is 60, 4); é vê-los construir pontes, aplanar caminhos, procurar quem se perdeu e carregar aos ombros quem tem dificuldade em caminhar, para que ninguém fique fora e todos participem da alegria da sua casa.

A estrela fala-nos do sonho de Deus: que toda a humanidade, na riqueza das suas diferenças, chegue a formar uma só família e viva unida na prosperidade e na paz (cf. Is 2, 2-5).

E isto leva-nos à última característica da estrela: a de *indicar o caminho*. Também esta é uma pista de reflexão, especialmente no contexto do Ano Santo que estamos a celebrar, no qual um dos gestos distintivos é a peregrinação.

A luz da estrela convida-nos a realizar um caminho interior que, como escreveu João Paulo II, liberte o nosso coração de tudo o que não é caridade, para «termos a possibilidade de nos encontrarmos plenamente com Cristo, confessando a nossa fé n'Ele e recebendo a abundância da sua misericórdia» (Carta a quantos se estão preparando para celebrar fielmente o Grande Jubileu, 29 de junho de 1999, 12).

Caminhar juntos «é típico de quem anda à procura do sentido da vida» (cf. Bula Spes non confundit, 5). E nós, olhando para a estrela, possamos

também renovar o nosso compromisso de sermos mulheres e homens “da Via”, como eram definidos os cristãos nas origens da Igreja (cf. *Act* 9, 2).

Que deste modo o Senhor nos transforme em luzes que apontam para Ele, tal como Maria, generosos na doação, abertos no acolhimento e humildes no caminhar juntos, para que O possamos encontrar, reconhecer, adorar e d’Ele partir renovados, levando ao mundo a luz do seu amor.

SOLENIDADE DA CONVERSÃO DE SÃO PAULO APÓSTOLO
CELEBRAÇÃO DAS SEGUNDAS VÉSPERAS
LVIII SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS

Basílica de São Paulo Extramuros

Sábado, 25 de janeiro de 2025

Jesus chega a casa das suas amigas Marta e Maria, quando o irmão destas, Lázaro, se encontrava morto já há quatro dias. Toda a esperança parece perdida, de tal modo que as primeiras palavras de Marta exprimirem a sua tristeza e, simultaneamente, a sua consternação porque Jesus veio tarde demais: «Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido» (Jo 11, 21). Porém, a chegada de Jesus acende, ao mesmo tempo, a luz da esperança no coração de Marta e leva-a a fazer uma profissão de fé: «Mas, ainda agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá» (v. 22). É aquela atitude de deixar sempre a porta aberta, nunca fechada! E Jesus, com efeito, anuncia-lhe a ressurreição dos mortos não apenas como um acontecimento que terá lugar no fim dos tempos, mas como algo que já acontece no presente, porque Ele próprio é ressurreição e vida. E, depois, faz-lhe uma pergunta: «Crês nisto?» (v. 26). Essa pergunta é também para nós, para ti, para mim: “Crês nisto?”.

Detenhamo-nos também nesta interrogação: «Crês nisto?» (v. 26). É uma pergunta concisa, mas exigente.

Este terno encontro entre Jesus e Marta, que escutámos no Evangelho, ensina-nos que, mesmo nos momentos de desolação, não estamos sós e podemos continuar a ter esperança. Jesus dá vida, mesmo quando parece que toda a esperança desapareceu. Depois de uma perda dolorosa, uma doença, uma amarga desilusão, uma traição ou outras experiências difíceis, a esperança pode vacilar; mas, embora cada um de nós viva momentos de desespero ou encontre pessoas que perderam a esperança, o Evangelho diz-nos que com Jesus a esperança renasce sempre, porque Ele sempre nos reergue das cinzas da morte. Jesus nos reergue sempre, dando-nos a força para retomar o caminho e recomeçar.

Queridos irmãos e irmãs, nunca esqueçamos disso: a esperança não desilude! A esperança nunca desilude! A esperança é aquela corda com a âncora à qual, na praia, nos agarramos. E isso nunca desilude! Isto é importante também para a vida das Comunidades cristãs, das nossas Igrejas e relações ecuménicas. Por vezes, sentimo-nos esmagados pelo cansaço, desanimamos perante os resultados do nosso esforço, parece-nos até que o diálogo e a colaboração entre nós não têm esperança, estão condenados quase à morte, e tudo isto faz-nos experimentar a mesma angústia de Marta. Mas, o Senhor vem. Acreditamos nisto? Acreditamos que Ele é ressurreição e vida? Que toma as nossas fadigas e nos dá sempre a graça de retomar, juntos, o caminho? Acreditamos nisto?

Esta mensagem de esperança está no centro do Jubileu que iniciámos. O apóstolo Paulo, cuja conversão a Cristo recordamos hoje, dizia aos cristãos de Roma: «A esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (*Rm* 5, 5). Todos nós – todos! – recebemos o mesmo Espírito, e este é o fundamento do nosso caminho ecuménico. É o Espírito que nos guia neste caminho. Não se trata de coisas práticas que fazem com que nos compreendamos melhor. Não, o Espírito é presente, e temos de seguir sob a orientação desse Espírito.

E este Ano jubilar da esperança, celebrado pela Igreja católica, coincide com uma efeméride de enorme significado para todos os cristãos: o aniversário dos 1700 anos do primeiro grande Concílio ecuménico, o Concílio de Niceia. Este Concílio esforçou-se por preservar a unidade da Igreja num momento muito difícil, e os Padres conciliares aprovaram por unanimidade o Credo que muitos cristãos ainda hoje recitam todos os domingos durante a Eucaristia. Este Credo é uma profissão de fé comum que vai para além de todas as divisões que feriram o Corpo de Cristo ao longo dos séculos. Portanto, o aniversário do Concílio de Niceia representa um ano de graça e uma oportunidade para todos os cristãos que recitam o mesmo Credo e acreditam no mesmo Deus: recuperemos as raízes comuns da fé, preservemos a unidade! Sempre em frente! Aquela unidade que todos nós queremos alcançar, que desejamos que aconteça. Não vos lembrais do que um grande teólogo ortodoxo, Ioannis Zizioulas, costumava dizer: “Sei quando será a data da plena unidade: no dia a seguir ao Juízo Final?” Mas,

por agora, temos de caminhar juntos, trabalhar juntos, rezar juntos, amar-se juntos. E isso é muito bonito!

Queridos irmãos e irmãs, esta fé que partilhamos é um dom precioso, mas é também um desafio. Com efeito, o aniversário não deve ser celebrado apenas como “memória histórica”, mas também como compromisso de testemunhar a crescente comunhão entre nós. Devemos encontrar o modo para não a deixar fugir, para construir laços sólidos, para cultivar a amizade recíproca, para ser tecelões de comunhão e fraternidade.

Nesta Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, também podemos viver o aniversário do Concílio de Niceia como um convite a perseverar no caminho rumo à unidade. De modo providencial, este ano, precisamente durante o aniversário ecuménico, a Páscoa será celebrada no mesmo dia tanto no calendário gregoriano como no juliano. Renovo o meu apelo para que esta coincidência sirva de estímulo a todos os cristãos para darem resolutamente um passo rumo à unidade, em torno duma data comum, uma data para a Páscoa (cf. Bula *Spes non confundit*, 17); e a Igreja Católica está disposta a aceitar a data que todos quiserem estipular: uma data da unidade.

Agradeço a presença do Metropolita Policarpo, em representação do Patriarcado Ecuménico; do Arcebispo Ian Ernest, em representação da Comunhão Anglicana e a concluir o seu valioso serviço, pelo qual lhe estou muito grato; – desejo-lhe as maiores felicidades quando regressar à sua terra natal – e dos representantes de outras Igrejas que participam no sacrifício de louvor desta tarde. É importante rezarmos juntos, e a vossa presença aqui esta tarde é uma fonte de alegria para todos. Saúdo também os estudantes apoiados pela Comissão para a Colaboração Cultural com as Igrejas Ortodoxas e Ortodoxas Orientais do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, os participantes na visita de estudo do Instituto Ecuménico de Bossey do Conselho Mundial de Igrejas e os muitos outros grupos ecuménicos e peregrinos que vieram a Roma para esta celebração. Agradeço ao coro, que nos proporciona um ambiente de oração tão bonito. Que, como São Paulo, cada um de nós possa encontrar a própria esperança no Filho de Deus encarnado e a ofereça aos outros onde ela se tenha desvanecido, onde as vidas tenham sido despedaçadas ou onde os corações

tenham sido esmagados pela adversidade (cf. Homilia de abertura da Porta Santa e Santa Missa na noite de Natal, 24 de dezembro de 2024).

Em Jesus, a esperança é sempre possível. Ele sustenta também a esperança do nosso caminho comum na sua direção. Surge, por isso, de novo a pergunta feita a Marta e, nesta tarde, a cada um: “Crês nisto?”. Acreditamos na comunhão entre nós? Acreditamos que a esperança não desilude?

Queridas irmãs, queridos irmãos, este é o momento de confirmar a nossa profissão de fé no único Deus e encontrar em Cristo Jesus o caminho da unidade. Enquanto esperamos que o Senhor venha «em sua glória, para julgar os vivos e os mortos» (cf. Credo Niceno), nunca nos cansemos, diante dos povos, de dar testemunho do Filho unigénito de Deus, fonte de toda a nossa esperança.

**DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS
JUBILEU DO MUNDO DA COMUNICAÇÃO**

Basílica de São Pedro

Terceiro Domingo do Tempo Comum, 26 de janeiro de 2025

O Evangelho que escutámos anuncia-nos o cumprimento de uma profecia transbordante de Espírito Santo. Quem a cumpre é Aquele que vem “com a força do Espírito” (cf. *Lc 4, 14*): é Jesus, o Salvador.

A Palavra de Deus é viva: através dos séculos caminha connosco e, com a força do Espírito Santo, age na história. Com efeito, o Senhor é sempre fiel à sua promessa, que realiza por amor dos homens. É exatamente isto que Jesus diz na sinagoga de Nazaré: «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir» (*Lc 4, 21*).

Irmãs e irmãos, que feliz coincidência! No domingo da Palavra de Deus, ainda nos inícios do Jubileu, é proclamada esta página do Evangelho de Lucas, na qual Jesus se revela como o Messias «ungido» (v. 18) e enviado «a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (v. 19)! Jesus é a Palavra viva, em quem toda a Escritura encontra o seu pleno cumprimento. E nós, no hoje da Sagrada Liturgia, somos seus contemporâneos: também nós, cheios de admiração, abrimos o coração e a mente para O escutar, porque «é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 7). Eu disse uma palavra: admiração. Quando ouvimos o Evangelho, as palavras de Deus, não se trata apenas de as ouvir, de as compreender, não. É preciso que elas cheguem ao coração e produzam aquilo que eu disse: “admiração”. A Palavra de Deus surpreende-nos sempre, renova-nos sempre, entra no nosso coração e renova-nos sempre.

E nesta atitude de jubilosa fé, somos convidados a acolher a antiga profecia como se tivesse saído do Coração de Cristo, detendo-nos nas cinco ações que caracterizam a missão do Messias: uma missão única e universal. Única, porque Ele, somente Ele a pode realizar; universal, porque quer envolver todos.

Antes de mais, Ele é enviado «*para anunciar a Boa-Nova aos pobres*» (v. 18). Eis o “evangelho”, a Boa-Nova que Jesus proclama: o Reino de Deus está próximo! E quando Deus reina, o homem está salvo. O Senhor vem visitar o seu povo, cuidando dos humildes e dos infelizes. Este Evangelho é *palavra de compaixão*, que nos chama à caridade, a perdoar ao próximo, a um generoso compromisso social. Não esqueçamos que o Senhor está próximo, é misericordioso e compassivo. A proximidade, a misericórdia e a compaixão são o estilo de Deus. Ele é assim: misericordioso, próximo, compassivo.

A segunda ação de Cristo é «*proclamar a libertação aos cativos*» (v. 18). Irmãos, irmãs, o mal tem os dias contados, porque o futuro pertence a Deus. Com a força do Espírito, Jesus redime-nos de toda a culpa e liberta o nosso coração, liberta-o de todas as amarras interiores, trazendo ao mundo o perdão do Pai. Este Evangelho é *palavra de misericórdia*, que nos chama a ser testemunhas apaixonadas de paz, solidariedade e reconciliação.

A terceira ação, com a qual Jesus cumpre as profecias, é dar «*aos cegos, a recuperação da vista*» (v. 18). O Messias abre-nos os olhos do coração, muitas vezes ofuscados pelo fascínio do poder e da vaidade: doenças da alma, que impedem de reconhecer a presença de Deus e tornam invisíveis os fracos e os sofredores. Este Evangelho é *palavra de luz*, que nos chama à verdade, ao testemunho da fé e à coerência de vida.

A quarta ação é «*mandar em liberdade os oprimidos*» (v. 18). Nenhuma escravidão resiste à ação do Messias, que nos faz irmãos no seu nome. Pelo poder amoroso de Deus, as prisões da perseguição e da morte são escancaradas, pois este Evangelho é *palavra de liberdade*, que nos chama à conversão do coração, à honestidade de pensamento e à perseverança na provação.

Por fim, a quinta ação: Jesus é enviado «*a proclamar um ano favorável da parte do Senhor*» (v. 19). Trata-se dum tempo novo, que não consome a vida, mas a regenera. É um Jubileu, como aquele que iniciámos, preparando-nos com esperança para o encontro definitivo com o Redentor. O Evangelho é *palavra de alegria*, que nos chama ao acolhimento, à comunhão e a caminhar, como peregrinos, em direção ao Reino de Deus.

Através destas cinco ações, Jesus já cumpriu a profecia de Isaías. Ao realizar a nossa libertação, ele anuncia-nos que Deus se aproxima da nossa pobreza, redime-nos do mal, ilumina os nossos olhos, quebra o jugo das opressões e faz-nos entrar no júbilo de um tempo e de uma história em que Ele se faz presente, para caminhar connosco e nos conduzir à vida eterna. A salvação que Ele nos dá ainda não se realizou plenamente, bem o sabemos; no entanto, as guerras, as injustiças, a dor, a morte não terão a última palavra. O Evangelho é, efetivamente, palavra viva e certa, que nunca desilude. O Evangelho nunca desilude.

Irmãos e irmãs, no domingo dedicado de modo especial à Palavra de Deus, agradeçamos ao Pai por nos ter dirigido o seu Verbo, feito homem para a salvação do mundo. É este o acontecimento de que falam todas as Escrituras, que têm os homens e o Espírito Santo como verdadeiros autores (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Dei Verbum*, 11). Toda a Bíblia faz memória de Cristo e da sua obra, e o Espírito atualiza-a na nossa vida e na história. Quando nós lemos, rezamos e estudamos as Escrituras, não recebemos apenas informações sobre Deus, mas acolhemos o Espírito que nos recorda tudo o que Jesus disse e fez (cf. Jo 14, 26). Assim, o nosso coração, inflamado pela fé, aguarda na esperança a vinda de Deus. Irmãos, irmãs, temos de nos habituar mais à leitura das Escrituras. Gosto de recomendar a cada um que tenha um pequeno Evangelho, um pequeno Novo Testamento de bolso, e que o leve na bolsa, que o leve sempre consigo, que o pegue durante o dia e o leia. Uma passagem, duas passagens... E assim, durante o dia, há esse contato com o Senhor. Um Evangelho pequenino é suficiente.

Respondamos com ardor ao alegre anúncio de Cristo! Com efeito, o Senhor não nos falou como a ouvintes mudos, mas como a testemunhas, chamando-nos a evangelizar em todos os tempos e lugares. Hoje, de muitas partes do mundo, vieram até aqui quarenta irmãos e irmãs para receber o ministério do leitorado. Obrigado! Agradeçamos-lhes e rezemos por eles. Todos rezamos por vós. E comprometamo-nos todos a levar a Boa-Nova aos pobres, a proclamar a libertação aos cativos e a vista aos cegos, a mandar em liberdade os oprimidos e a proclamar o ano favorável da parte do Senhor. Então, sim, irmãs e irmãos, transformaremos o mundo segundo a vontade de Deus, que o criou e redimiou por amor. Obrigado!

FESTA DA APRESENTAÇÃO DO SENHOR
CELEBRAÇÃO DAS PRIMEIRAS VÉSPERAS
XXIX DIA MUNDIAL DA VIDA CONSAGRADA

Basílica Vaticana

Sábado, 1 de fevereiro de 2025

«Eis que venho [...] para fazer, ó Deus, a tua vontade» (*Heb* 10, 7). Com estas palavras, o autor da Carta aos Hebreus manifesta a total adesão de Jesus ao projeto do Pai. Hoje, lemo-las na festa da Apresentação do Senhor, *Dia Mundial da Vida Consagrada*, durante o *Jubileu da Esperança*, num contexto litúrgico caracterizado pelo simbolismo da luz. E todos vós, irmãs e irmãos, que escolhestes o caminho dos conselhos evangélicos, vos consagrastes, como «Esposa na presença do Esposo [...] envolvida pela sua luz» (São João Paulo II, Exort. ap. *Vita consecrata*, 15), àquele mesmo desígnio luminoso do Pai que remonta às origens do mundo. Ele terá a sua plena realização no fim dos tempos, mas já agora se torna visível através das «maravilhas que Deus realiza na frágil humanidade das pessoas chamadas» (*ibid.*, 20). Meditemos, pois, sobre o modo como, através dos votos de *pobreza*, *castidade* e *obediência* que professastes, também vós podeis ser portadores de luz para as mulheres e homens do nosso tempo.

Primeiro aspecto: a *luz da pobreza*. Ela está radicada na própria vida de Deus, eterno e total dom recíproco do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. *ibid.*, 21). Exercendo a pobreza, a pessoa consagrada, pelo uso livre e generoso de todas as coisas, com elas faz-se portadora de bênção: manifesta a sua bondade na ordem do amor, rejeita tudo o que pode ofuscar a sua beleza – o egoísmo, a avareza, a dependência, o uso violento e para fins de morte – e abraça, em vez disso, tudo o que a pode exaltar: a sobriedade, a generosidade, a partilha, a solidariedade. Paulo diz: «Tudo é vosso. Mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus» (*1Cor* 3, 22-23).

O segundo elemento é a *luz da castidade*. Também esta tem a sua origem na Trindade e manifesta um «reflexo do amor infinito que une as três Pessoas divinas» (*Vita consecrata*, 21). Na renúncia ao amor conjugal e no caminho da continência, a sua profissão reafirma o primado absoluto, para o ser humano, do amor de Deus, acolhido com um coração indiviso e

esponsal (cf. *1Cor* 7, 32-36), e aponta-o como fonte e modelo de qualquer outro amor. Sabemos que estamos a viver num mundo frequentemente marcado por formas distorcidas de afetividade, em que o princípio “o que me agrada acima de tudo” – este princípio – leva a procurar no outro mais a satisfação das próprias necessidades do que a alegria de um encontro fecundo. É verdade! Isto gera, nas relações, atitudes de superficialidade e precariedade, egocentrismo, hedonismo, imaturidade e irresponsabilidade moral, em que o esposo e a esposa de uma vida inteira são trocados pelo parceiro do momento, e os filhos recebidos como dom são substituídos pelos filhos exigidos como “direito” ou eliminados como “incómodo”.

Irmãs, irmãos, num contexto assim, perante a «necessidade crescente de transparência interior nas relações humanas» (*Vita consecrata*, 88) e de humanização dos laços entre as pessoas e as comunidades, a castidade consagrada mostra-nos – ao homem e à mulher do século XXI – um caminho para curar o mal do isolamento, no exercício de um modo de amar livre e libertador, que acolhe e respeita todos e não obriga nem rejeita ninguém. Que remédio para a alma é encontrar religiosas e religiosos capazes deste tipo de relacionamento maduro e alegre! Eles são um reflexo do amor divino (cf. *Lc* 2, 30-32). Para isso, porém, é importante, nas nossas comunidades, cuidar do crescimento espiritual e afetivo das pessoas, já desde a formação inicial, mas também na permanente, para que a castidade mostre verdadeiramente a beleza do amor que se doa, e não surjam fenómenos deletérios como o endurecimento do coração ou a ambiguidade das escolhas, fonte de tristeza, insatisfação e causa, por vezes, em sujeitos mais frágeis, do desenvolvimento de verdadeiras “vidas duplas”. A luta contra a tentação da “vida dupla” é quotidiana.

E chegamos ao terceiro aspecto: a *luz da obediência*. O texto que escutámos fala-nos também disso, apresentando-nos, na relação entre Jesus e o Pai, a «graça libertadora de uma dependência filial e não servil, rica de sentido de responsabilidade e animada pela confiança recíproca» (*Vita consecrata*, 21). É precisamente a luz da Palavra que se torna dom e resposta de amor, sinal para a nossa sociedade, na qual se tende a falar muito e a escutar pouco: na família, no trabalho e sobretudo nas redes sociais, onde podemos trocar uma quantidade infinita de palavras e imagens sem nos encontrarmos realmente, porque não nos comprometemos

verdadeiramente uns com os outros. E isto é algo interessante. Tantas vezes, no diálogo quotidiano, antes que alguém acabe de falar, já sai a resposta. Não se escuta. Devemos escutar-nos antes de responder; acolher a palavra do outro como uma mensagem, um tesouro, uma ajuda para mim. A obediência consagrada é um antídoto contra esse individualismo solitário, promovendo como alternativa um modelo de relação marcado pela escuta ativa, onde ao “dizer” e ao “ouvir” se segue a concretude do “agir”, e isto também à custa de renunciar aos meus próprios gostos, planos e preferências. Só assim, com efeito, a pessoa pode experimentar profundamente a alegria do dom, superando a solidão e encontrando o sentido da sua existência no grande projeto de Deus.

Gostaria de concluir recordando um outro ponto: o “*retorno às origens*”, de que tanto se fala hoje na vida consagrada. Mas não um regresso às origens como um voltar a um museu. Não! Que seja precisamente um regresso à origem da nossa vida. A este propósito, a Palavra de Deus que escutámos recorda-nos que o primeiro e mais importante “retorno às origens” de cada consagração é, para todos nós, aquele retorno a Cristo e ao seu “sim” ao Pai. Lembra-nos que a renovação, antes dos encontros e das “mesas redondas” – que se devem fazer e são úteis –, se faz diante do Sacrário, na adoração. Irmãs, irmãos, perdemos um pouco o sentido da adoração! Somos demasiado práticos, desejamos fazer as coisas, mas... Adorar! Adorar! A capacidade de adorar em silêncio. Assim se redescobrem as próprias Fundadoras e os próprios Fundadores, sobretudo como mulheres e homens de fé, repetindo com eles, na oração e na oferta: «Eis que venho [...] para fazer, ó Deus, a tua vontade» (*Heb* 10,7).

Muito obrigado pelo vosso testemunho. É fermento na Igreja. Obrigado!

JUBILEU DAS FORÇAS ARMADAS, POLÍCIA E SEGURANÇA

Praça São Pedro

V Domingo do Tempo Comum, 9 de fevereiro de 2025

A atitude de Jesus no lago de Genesaré é descrita pelo evangelista com três verbos: *viu*, *subiu*, *sentou-se*. Jesus viu, Jesus subiu, Jesus sentou-se. Jesus não está preocupado em dar uma imagem de si mesmo às multidões, em executar uma tarefa, em seguir um cronograma; pelo contrário, coloca sempre em primeiro lugar o encontro com os outros, a relação, a preocupação com aqueles trabalhos e fracassos que muitas vezes sobrecarregam o coração e tiram a esperança.

Foi por isso que naquele dia Jesus *viu*, *subiu* e *sentou-se*.

Antes de mais, Jesus *viu*. Ele tem um olhar atento que lhe permite, mesmo no meio de tanta gente, avistar dois barcos atracados na margem e notar a desilusão no rosto daqueles pescadores, que, depois de uma noite que correu mal, lavam as redes vazias. E Jesus dirige [para eles] o seu olhar cheio de compaixão... Não esqueçamos isto: a compaixão de Deus! As três atitudes de Deus são a proximidade, a compaixão e a ternura. Não esqueçamos: Deus é próximo, Deus é terno, Deus é compassivo, sempre. E Jesus dirige aquele olhar cheio de compaixão para os olhos daquelas pessoas, captando o seu desânimo, a frustração de terem trabalhado toda a noite sem apanhar nada, o sentimento de terem o coração vazio, tal como as redes que agora seguram nas mãos.

E agora desculpem-me, mas peço ao Mestre [das Cerimónias Litúrgicas] que continue a ler, devido a dificuldades em respirar.

E, vendo o seu desânimo, Jesus *subiu*. Pede precisamente a Simão que afaste o barco da terra e sobe a bordo, entrando no espaço da vida de Pedro e abrindo caminho naquele fracasso que habita o seu coração. E isto é bonito: Jesus não se limita a observar as coisas que não correm bem, como nós fazemos muitas vezes, acabando por nos fecharmos em lamentos e amarguras; em vez disso, Ele toma a iniciativa, vai ao encontro de Simão,

detém-se com ele naquele momento difícil e decide subir para a barca da sua vida, que naquela noite regressou à terra sem nenhum resultado.

Por fim, tendo subido, Jesus *sentou-se*. Nos Evangelhos, esta é a postura típica do mestre, daquele que ensina. Efetivamente, o Evangelho diz que ele se sentou e ensinou. Depois de ter visto nos olhos e no coração daqueles pescadores a amargura de uma noite de trabalho em vão, Jesus sobe a bordo do barco para ensinar, isto é, para anunciar a boa nova, para levar luz àquela noite de desilusão, para narrar a beleza de Deus no meio das dificuldades da vida humana, para fazer sentir que, mesmo quando tudo parece perdido, ainda há esperança.

E é aí que acontece o milagre: quando o Senhor sobe para o barco da nossa vida trazendo-nos a boa nova do amor de Deus que sempre nos acompanha e sustenta, então a vida recomeça, a esperança renasce, o entusiasmo perdido retorna e podemos lançar de novo as redes ao mar.

Irmãos e irmãs, esta palavra de esperança acompanha-nos hoje ao celebrarmos o Jubileu das Forças Armadas, Polícia e Segurança, a quem agradeço o serviço prestado, saudando todas as Autoridades presentes, as Associações e Academias Militares, bem como os Ordinários castrenses e os Capelães. A vós está confiada uma grande missão, que abrange múltiplas dimensões da vida social e política: a defesa dos nossos países, o empenho em prol da segurança, a guarda da legalidade e da justiça, a presença nas prisões, a luta contra a criminalidade e as diferentes formas de violência que ameaçam perturbar a paz social. E recordo ainda aqueles que prestam o seu importante serviço em situação de catástrofes naturais, na salvaguarda da criação, no resgate de vidas em alto mar, na defesa dos mais frágeis, na promoção da paz.

Também a vós o Senhor pede para fazerdes como Ele: *ver, subir, sentar-se*. *Ver*, porque sois chamados a manter um olhar atento, capaz de captar as ameaças ao bem comum, os perigos que pairam sobre a vida dos cidadãos, os riscos ambientais, sociais e políticos a que estamos expostos. *Subir*, porque as vossas divisas, a disciplina que vos forjou, a coragem que vos distingue, o juramento que prestastes, são tudo coisas que vos recordam o quanto é importante não só ver o mal para o denunciar, mas subir a bordo do barco que está numa tempestade e, com a missão ao serviço do bem, da

liberdade e da justiça, empenhar-se para que ele não afunde. E, finalmente, *sentar-se*, porque a vossa presença nas nossas cidades e bairros, o modo como estais sempre do lado da legalidade e dos mais fracos, torna-se ensinamento para todos nós: ensina-nos que, apesar de tudo, o bem pode vencer; ensina-nos que a justiça, a lealdade e a paixão cívica continuam a ser valores necessários hoje em dia; ensina-nos que podemos criar um mundo mais humano, mais justo e mais fraterno, apesar das forças contrárias do mal.

E nesta missão, que compreende toda a vossa vida, sois também acompanhados pelos capelães, que são uma presença sacerdotal importante no meio de vós. Eles não servem – como por vezes e infelizmente aconteceu na história – para abençoar atos perversos de guerra. Não! Eles encontram-se no meio de vós como a presença de Cristo, que quer acompanhar-vos, ouvir-vos e oferecer-vos a sua proximidade, dar-vos coragem para vos fazerdes ao largo e apoiar-vos na missão que desempenhais todos os dias. Como apoio moral e espiritual, eles caminham convosco, ajudando-vos a realizar as vossas tarefas à luz do Evangelho e ao serviço do bem.

Queridos irmãos e irmãs, estamos muito gratos pelo que fazeis, por vezes correndo riscos pessoais. Obrigado porque, subindo a bordo dos nossos barcos em perigo, nos ofereceis a vossa proteção e nos encorajais a continuar a nossa travessia. Mas gostaria também de vos exortar a não perder de vista o propósito do vosso serviço e das vossas ações: promover a vida, salvar a vida, defender sempre a vida. Por favor, peço-vos que sejais vigilantes: vigilantes contra a tentação de cultivar um espírito de guerra; vigilantes para não vos deixardes seduzir pelo mito da força e pelo rumor das armas; vigilantes para não serdes contaminados pelo veneno da propaganda do ódio, que divide o mundo entre amigos a defender e inimigos a combater. Em vez disso, sede testemunhas corajosas do amor de Deus Pai, que nos quer todos irmãos. E, juntos, caminhemos para construir uma nova era de paz, justiça e fraternidade.

JUBILEU DOS ARTISTAS E DO MUNDO DA CULTURA
HOMILIA DO PAPA FRANCISCO
LIDA PELO CARDEAL JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA

Basílica de São Pedro

VI Domingo do Tempo Comum, 16 de fevereiro de 2025

No Evangelho que acabámos de escutar, Jesus proclama as bem-aventuranças diante dos seus discípulos e de uma multidão de pessoas. Já as ouvimos muitas vezes e, no entanto, não deixam de nos maravilhar: «Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Felizes vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados. Felizes vós, os que agora chorais, porque haveis de rir» (*Lc 6, 20-21*). Estas palavras contradizem a lógica do mundo e convidam-nos a olhar a realidade com olhos novos, com o olhar de Deus, que vê para além das aparências e reconhece a beleza, até mesmo na fragilidade e no sofrimento.

A segunda parte contém palavras duras e de repreensão: «ai de vós, os ricos, porque recebestes a vossa consolação! Ai de vós, os que estais agora fartos, porque haveis de ter fome! Ai de vós, os que agora rides, porque gemereis e chorareis!» (*Lc 6, 24-25*). O contraste entre “felizes vós” e “ai de vós” recorda-nos a importância de discernir onde colocamos a nossa segurança.

Vós, artistas e pessoas de cultura, sois chamados a ser testemunhas da visão revolucionária das Bem-Aventuranças. A vossa missão não se limita a criar beleza, mas a revelar a verdade, a bondade e a beleza escondidas nos recantos da história, a dar voz a quem não tem voz, a transformar a dor em esperança.

Vivemos numa época de crises complexas, que são económicas e sociais mas, antes de mais, são crises da alma, crises de sentido. Coloquemo-nos a questão do tempo e a questão do rumo. Somos peregrinos ou errantes? Caminhamos com uma meta ou andamos à deriva, perdidos? O artista é aquele ou aquela que tem a função de ajudar a humanidade a não se desorientar, a não perder o horizonte da esperança.

Mas atenção: não é uma esperança fácil, superficial e desencarnada. Não! A verdadeira esperança entrelaça-se com o drama da existência humana. Não é um refúgio confortável, mas um fogo que arde e ilumina, como a Palavra de Deus. Por isso, a arte autêntica é sempre um encontro com o mistério, com a beleza que nos supera, com a dor que nos interpela, com a verdade que nos chama. Caso contrário, “ai [de nós]”! O Senhor é severo no seu apelo.

Como escreve o poeta Gerard Manley Hopkins, «o mundo está pleno da grandeza de Deus. / Seu fulgor inflama, qual lâmina fulgurante». Eis a missão do artista: descobrir e revelar essa grandeza escondida, torná-la acessível aos nossos olhos e aos nossos corações. O mesmo poeta ouvia também no mundo um “eco de chumbo” e um “eco de ouro”. O artista é sensível a estas ressonâncias e, com a sua obra, realiza um discernimento e ajuda os outros a discernir no meio dos diferentes ecos dos acontecimentos deste mundo. Os homens e as mulheres de cultura são chamados a avaliar estes ecos, a explicar-no-los e a iluminar o caminho por onde nos conduzem: se são cantos de sereia que seduzem ou apelos da nossa mais verdadeira humanidade. Pede-se-vos a sabedoria para distinguir o que é como «como a palha que o vento leva», do que é sólido «como a árvore plantada à beira da água corrente» e capaz de dar fruto (cf. *Sl* 1, 3-4).

Queridos artistas, vejo em vós guardiães da beleza que sabe inclinar-se sobre as feridas do mundo, que sabe escutar o grito dos pobres, dos sofredores, dos feridos, dos presos, dos perseguidos, dos refugiados. Vejo em vós guardiães das Bem-Aventuranças! Vivemos num tempo em que se erguem novos muros, em que as diferenças se tornam um pretexto para a divisão em vez de serem uma oportunidade de enriquecimento recíproco. Mas vós, homens e mulheres de cultura, sois chamados a construir pontes, a criar espaços de encontro e diálogo, a iluminar as mentes e a aquecer os corações.

Alguns poderão dizer: “Mas para que serve a arte num mundo ferido? Não há coisas mais urgentes, mais concretas e mais necessárias?”. A arte não é um luxo, mas uma necessidade do espírito. Não é uma fuga, mas uma responsabilidade, um convite à ação, um apelo, um grito. Educar para a beleza significa educar para a esperança. E a esperança nunca está separada

do drama da existência: ela atravessa a luta quotidiana, as fadigas da vida, os desafios deste nosso tempo.

No Evangelho que escutámos hoje, Jesus proclama felizes os pobres, os aflitos, os mansos, os perseguidos. É uma lógica invertida, uma revolução da perspectiva. A arte é chamada a participar nesta revolução. O mundo precisa de artistas proféticos, de intelectuais corajosos, de criadores de cultura.

Deixai-vos guiar pelo Evangelho das Bem-Aventuranças e que a vossa arte seja anúncio de um mundo novo. Que a vossa poesia no-lo mostre! Nunca deixeis de procurar, interrogar, arriscar. Porque a verdadeira arte nunca é acomodada; ela oferece a paz da inquietação. E lembrai-vos: a esperança não é uma ilusão; a beleza não é uma utopia; o vosso dom não é um mero acaso, é uma chamada. Respondei com generosidade, com paixão, com amor.

JUBILEU DOS DIÁCONOS
HOMILIA DO PAPA FRANCISCO
LIDA POR DOM RINO FISICHELLA

Basílica de São Pedro

VII Domingo do Tempo Comum, 23 de fevereiro de 2025

A mensagem das leituras que acabamos de escutar poderia ser resumida numa palavra: *gratuidade*. Um termo certamente caro a vós, Diáconos, aqui reunidos para a celebração do Jubileu. Reflitamos, pois, sobre esta dimensão fundamental da vida cristã e do vosso ministério, considerando, em particular, três aspectos: o *perdão*, o *serviço desinteressado* e a *comunhão*.

Primeiro: o *perdão*. A proclamação do perdão é uma tarefa essencial do diácono. Efetivamente, é um elemento indispensável para qualquer caminho eclesial e uma condição para toda a convivência humana. Jesus mostra-nos a sua necessidade e alcance quando diz: «Amai os vossos inimigos» (*Lc* 6, 27). E é exatamente assim: para crescermos juntos, partilhando luzes e sombras, sucessos e fracassos uns dos outros, é necessário saber perdoar e pedir perdão, restabelecendo as relações e não excluindo do nosso amor nem mesmo quem nos ataca e trai. Um mundo onde só prevalece o ódio pelos adversários é um mundo sem esperança, sem futuro, condenado a ser dilacerado por guerras, divisões e vinganças intermináveis – como, infelizmente, vemos ainda hoje, a tantos níveis e em várias partes do mundo. Perdoar significa, portanto, preparar em nós e nas nossas comunidades uma casa acolhedora e segura para o futuro. E o diácono, investido pessoalmente de um ministério que o leva às periferias do mundo, compromete-se a ver – e a ensinar os outros a ver – em cada um, mesmo naqueles que erram e causam sofrimento, uma irmã e um irmão feridos na alma e, por isso mesmo, mais necessitados do que qualquer outro de reconciliação, de orientação e de ajuda.

A Primeira Leitura fala-nos desta abertura de coração, apresentando-nos o amor leal e generoso de David por Saul, seu rei, mas também seu perseguidor (cf. *1 Sm* 26,2.7-9.12-13.22-23). Mostra-nos ainda, noutro contexto, a morte exemplar do diácono Estêvão, que morre apedrejado,

perdoando os seus lapidadores (cf. *Act* 7, 60). Mas, sobretudo, vemo-la em Jesus, modelo de toda a diaconia, que na cruz, “esvaziando-se” até dar a vida por nós (cf. *Fl* 2, 7), reza pelos seus algozes e abre as portas do Paraíso ao bom ladrão (cf. *Lc* 23, 34.43).

E chegamos ao segundo ponto: o *serviço desinteressado*. O Senhor, no Evangelho, descreve-o com uma frase tão simples e clara: «Fazei o bem e emprestai, sem nada esperar em troca» (*Lc* 6, 35). São poucas palavras, mas trazem em si o bom perfume da amizade. Antes de mais, aquela que Deus nutre por nós, mas também a nossa. Para o diácono, esta atitude não é um aspecto acessório das suas ações, mas uma dimensão substancial do seu ser. Realmente, ele é consagrado para ser, no ministério, “escultor” e “pintor” do rosto misericordioso do Pai, testemunha do mistério de Deus-Trindade.

Em muitas passagens evangélicas, Jesus fala de si mesmo sob esta perspectiva. Assim o faz com Filipe, no Cenáculo, pouco depois de ter lavado os pés aos Doze, dizendo-lhe: «Quem me vê, vê o Pai» (*Jo* 14, 9). O mesmo acontece na instituição da Eucaristia, quando afirma: «Eu estou no meio de vós como aquele que serve» (*Lc* 22, 27). Mas já antes, no caminho para Jerusalém, quando os discípulos discutiam entre si sobre quem seria o maior, Ele tinha-lhes explicado que o «Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos» (*Mc* 10, 45).

Portanto, irmãos Diáconos, o trabalho gratuito que realizais, como expressão da vossa consagração à caridade de Cristo, é para vós o primeiro anúncio da Palavra, fonte de confiança e de alegria para aqueles que vos encontram. Acompanhai-o tanto quanto possível com um sorriso, sem reclamar e sem buscar reconhecimento, apoiando-vos mutuamente, inclusive nas vossas relações com os Bispos e os presbíteros, «como expressão de uma Igreja disposta a crescer no serviço do Reino com a valorização de todos os graus do ministério ordenado» (CEI, *I Diaconi permanenti nella Chiesa in Italia. Orientamenti e norme*, 1993, 55). Dessa maneira, a vossa ação unida e generosa será uma ponte que liga o Altar à rua, a Eucaristia à vida quotidiana das pessoas; a caridade será a vossa mais bela liturgia e a liturgia o vosso mais humilde serviço.

E chegamos ao último ponto: a gratuidade como *fonte de comunhão*. Dar sem esperar nada em troca une e cria laços, porque exprime e alimenta

um estar juntos que não tem outro fim senão o dom de si e o bem das pessoas. São Lourenço, vosso patrono, quando os seus acusadores lhe pediram para entregar os tesouros da Igreja, mostrou-lhes os pobres e disse: «Aqui estão os nossos tesouros!». É assim que se constrói a comunhão: dizendo ao irmão e à irmã, com palavras, mas sobretudo com ações concretas, tanto pessoalmente quanto em comunidade: “tu és importante para nós”, “queremos-te bem”, “queremos que participes do nosso caminho e da nossa vida”. É isso que fazeis: maridos, pais e avós prontos, no serviço, a alargar as vossas famílias aos necessitados, onde quer que vivais.

Assim, a vossa missão, que vos retira da sociedade para nela vos fazer reentrar, tornando-a cada vez mais um lugar acolhedor e aberto a todos, é uma das mais belas expressões de uma Igreja sinodal e “em saída”.

Daqui a pouco, alguns de vós, ao receberem o Sacramento da Ordem, “descerão” os degraus do ministério. Digo e sublinho intencionalmente que “descerão”, e não que “subirão”, pois, com a Ordenação, não se sobe, mas desce-se, torna-se pequeno, abaixa-se e despoja-se. Para usar as palavras de São Paulo, abandona-se, no serviço, o “homem da terra”, e se reveste, na caridade, do “homem do céu” (cf. *1 Cor* 15, 45-49).

Meditemos todos sobre o que vamos fazer, confiando-nos à Virgem Maria, a serva do Senhor, e a São Lourenço, vosso padroeiro. Que eles nos ajudem a viver o nosso ministério com um coração humilde e cheio de amor, e a ser, na gratuidade, apóstolos do perdão, servos desinteressados dos irmãos e construtores de comunhão.

SANTA MISSA, BÊNÇÃO E IMPOSIÇÃO DAS CINZAS

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO LIDA PELO CARDEAL ANGELO DE DONATIS

Basílica de Santa Sabina

Quarta-feira, 5 de março de 2025

As cinzas sagradas que, nesta tarde, serão colocadas sobre a nossa cabeça reavivam em nós a *memória* do que somos e também a esperança do que seremos. Recordam-nos que somos pó, mas situam-nos no caminho da esperança a que estamos chamados, porque Jesus desceu ao pó da terra e, através da sua Ressurreição, leva-nos com Ele para o coração do Pai.

É assim que se abre o caminho da Quaresma até à Páscoa, entre a *memória* da nossa fragilidade e a *esperança* de que, no fim do caminho, o Ressuscitado estará à nossa espera.

Em primeiro lugar, é preciso conservar a *memória*. Recebemos as cinzas inclinando a cabeça, como que para nos olharmos a nós próprios, para nos olharmos por dentro. Efetivamente, as cinzas ajudam-nos a fazer memória da fragilidade e da insignificância da nossa vida: somos pó, fomos criados do pó e voltaremos ao pó. E em tantos momentos, tendo em conta a nossa vida pessoal ou a realidade que nos rodeia, apercebemo-nos que «não é mais do que um sopro! [...] É em vão que se agita: amontoa riquezas e não sabe para quem ficam» (Sl 39, 6-7).

Isto no-lo ensina sobretudo a experiência da fragilidade, que sentimos nas nossas canseiras, da fraqueza com que temos de nos confrontar, dos medos que nos habitam, dos fracassos que nos queimam por dentro, da fugacidade dos nossos sonhos, da constatação de como são efémeras as coisas que possuímos. Feitos de cinzas e de terra, tocamos a fragilidade ao experimentarmos a doença, a pobreza, o sofrimento que, por vezes, se abate inesperadamente sobre nós e sobre as nossas famílias. E apercebemo-nos de que somos frágeis também quando, na vida social e política do nosso tempo, nos encontramos expostos às “poeiras finas” que poluem o mundo: a contraposição ideológica, a lógica da prevaricação, o regresso de velhas ideologias identitárias que teorizam a exclusão dos outros, a exploração dos

recursos da terra, a violência nas suas diversas formas, a guerra entre os povos. Tudo isto são “poeiras tóxicas” que turvam o ar do nosso planeta e impedem a coexistência pacífica, enquanto a incerteza e o medo do futuro crescem dentro de nós todos os dias.

Por fim, esta condição de fragilidade lembra o drama da morte, que nas nossas sociedades da aparência tentamos exorcizar de muitas maneiras e até apartar da nossa linguagem, mas que se impõe como uma realidade que temos de tomar em consideração, como um sinal da precariedade e da transitoriedade das nossas vidas.

Assim, apesar das máscaras que usamos e dos artifícios criados muitas vezes habilmente para nos distrair, as cinzas recordam-nos quem somos e isto faz-nos bem. Reconfigura-nos, atenua a dureza dos nossos narcisismos, traz-nos de volta à realidade, torna-nos mais humildes e disponíveis uns para com os outros: nenhum de nós é Deus, estamos todos a caminho.

A Quaresma, porém, é igualmente um convite a reavivar em nós a esperança. Se recebemos as cinzas com a cabeça inclinada para reavivar a memória do que somos, o tempo quaresmal não quer deixar-nos de cabeça baixa, antes pelo contrário, exorta-nos a levantar a cabeça para Aquele que se ergue das profundezas da morte, levando-nos também a nós das cinzas do pecado e da morte para a glória da vida eterna.

As cinzas recordam-nos então a esperança a que somos chamados, porque Jesus, o Filho de Deus, misturou-se com o pó da terra, elevando-o ao céu. Ele desceu às profundezas do pó, morrendo por nós e reconciliando-nos com o Pai, como ouvimos ao apóstolo Paulo: «Aquele que não havia conhecido o pecado, Deus o fez pecado por nós» (2 Cor 5, 21).

Esta, irmãos e irmãs, é a esperança que reaviva as cinzas que somos. Sem esta esperança, estamos condenados a suportar passivamente a fragilidade da nossa condição humana e, em especial diante da experiência da morte, afundamo-nos na tristeza e na desolação, acabando por raciocinar como insensatos: «Breve e triste é a nossa vida, não há remédio algum quando chega a morte [...] o nosso corpo voltará ao pó, e o nosso espírito se dissolverá como o ar subtil» (Sb 2, 1-3). Em contrapartida, a esperança da Páscoa, para a qual nos dirigimos, sustenta-nos nas fragilidades, assegura-

nos o perdão de Deus e, mesmo quando estamos envoltos nas cinzas do pecado, abre-nos à confissão jubilosa da vida: «Eu sei que o meu redentor vive e prevalecerá, por fim, sobre o pó da terra!» (*Jb* 19, 25). Recordemos que «o homem é pó e pó se há de tornar, mas é pó precioso aos olhos de Deus, porque Deus criou o homem destinando-o à imortalidade» (Bento XVI, *Audiência Geral*, 17 de fevereiro de 2010).

Irmãos e irmãs, com as cinzas sobre a cabeça, caminhamos em direção à esperança da Páscoa. Convertamo-nos a Deus, voltemos a Ele com todo o coração (cf. *Jl* 2, 12), coloquemo-Lo de novo no centro da nossa vida, para que a memória do que somos – frágeis e mortais como cinza lançada ao vento – seja finalmente iluminada pela esperança do Ressuscitado. E dirijamos a nossa vida para Ele, tornando-nos sinal de esperança para o mundo: aprendamos por meio da esmola a sair de nós mesmos para partilhar as necessidades uns dos outros e alimentar a esperança de um mundo mais justo; aprendamos por meio da oração a descobrir-nos necessitados de Deus ou, como dizia Jacques Maritain, “mendigos do céu”, para alimentar a esperança de que, nas nossas fragilidades e no fim da nossa peregrinação terrena, nos espera um Pai de braços abertos; aprendamos por meio do jejum que não vivemos apenas para satisfazer necessidades, mas que temos fome de amor e de verdade, e só o amor de Deus e de uns pelos outros pode verdadeiramente saciar-nos e dar-nos esperança num futuro melhor.

Sejamos acompanhados sempre pela certeza de que, desde o momento em que o Senhor veio nas cinzas do mundo, «a história da terra é a história do céu. Deus e o homem estão unidos num único destino» (C. Carretto, *Il deserto nella città*, Roma 1986, 55), e Ele fará desaparecer para sempre as cinzas da morte para nos fazer resplandecer de vida nova.

Com esta esperança no coração, ponhamo-nos a caminho e reconciliemo-nos com Deus.

JUBILEU DO MUNDO DO VOLUNTARIADO

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO LIDA PELO CARDEAL MICHAEL CZERNY

Basílica de São Pedro

I Domingo da Quaresma, 9 de março de 2025

Jesus é conduzido pelo Espírito ao deserto (cf. *Lc* 4, 1). Todos os anos, o nosso caminho quaresmal começa por seguir o Senhor neste local, que Ele atravessa e transforma para nós. Na verdade, quando Jesus entra no deserto, ocorre uma mudança decisiva: o lugar do silêncio torna-se um ambiente de escuta. Uma escuta que é posta à prova, porque é necessário escolher entre duas vozes completamente opostas. Ao propor-nos este exercício, o Evangelho testemunha que o caminho de Jesus começa com um ato de obediência: é o Espírito Santo, a própria força de Deus, que o conduz aonde nada de bom cresce da terra nem cai do céu. No deserto, o homem experimenta a própria miséria material e espiritual, a necessidade de pão e de palavra.

Também Jesus, verdadeiro homem, sente fome (cf. v. 2) e, durante quarenta dias, é tentado por uma palavra que não vem do Espírito Santo, mas do espírito maligno, do diabo. Acabando de entrar nos quarenta dias de Quaresma, reflitamos sobre a certeza de que também nós somos tentados, mas não estamos sós: conosco está Jesus, que nos abre o caminho através do deserto. O Filho de Deus feito homem não se limita a oferecer-nos um modelo na luta contra o mal. É muito mais do que isso: dá-nos a força para resistir às suas investidas e perseverar no caminho.

Consideremos então três características da tentação de Jesus e também da nossa: o início, o modo e o resultado. Comparando estas duas experiências, encontraremos ajuda para o nosso próprio caminho de conversão.

Antes de mais, no seu início, a tentação de Jesus é voluntária: o Senhor vai para o deserto não por fanfarronice, para mostrar como é forte, mas pela sua disponibilidade filial ao Espírito do Pai, a cuja orientação responde prontamente. Nós, pelo contrário, sofremos a tentação: o mal precede a nossa liberdade, corrompe-a a partir de dentro como uma sombra interior e

uma ameaça constante. Enquanto pedimos a Deus que não nos abandone na tentação (cf. Mt 6, 13), recordemos que Ele já atendeu esta prece através de Jesus, o Verbo que se fez carne para permanecer sempre conosco. O Senhor está perto e cuida de nós, especialmente no local da provação e da dúvida, ou seja, quando o tentador levanta a sua voz. Ele é o pai da mentira (cf. Jo 8, 44), corrupto e corruptor, porque conhece a palavra de Deus, mas não a compreende. Aliás, distorce-a: como fez no tempo de Adão, no Jardim do Éden (cf. Gn 3, 1-5), assim faz agora contra Jesus, o novo Adão, no deserto.

Entendemos aqui o *modo* singular com o qual Cristo é tentado, ou seja, na sua relação com Deus, seu Pai. O diabo é aquele que separa, o divisor; enquanto Jesus é aquele que une Deus e o homem, o mediador. Na sua perversão, o demónio quer destruir esta união, fazendo de Jesus um privilegiado: «Se és Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão» (v. 3). E ainda, desde o pináculo do Templo: «Se és Filho de Deus, atira-te daqui abaixo» (v. 9). Perante estas tentações, Jesus, o Filho de Deus, decide *como* ser filho. No Espírito que o guia, a sua escolha revela *como* quer viver a sua relação filial com o Pai. Eis o que o Senhor decide: esta relação única e exclusiva com Deus, de quem é Filho Unigénito, torna-se uma relação que envolve todos, sem excluir ninguém. A relação com o Pai é o dom que Jesus comunica ao mundo para a nossa salvação, e não uma usurpação (cf. Fl 2, 6) da qual se pode valer para obter sucesso e atrair seguidores.

Também nós somos tentados na nossa relação com Deus, mas de forma oposta. Com efeito, o diabo sussurra-nos ao ouvido que Deus não é verdadeiramente o nosso Pai, e que, na realidade, nos abandonou. Satanás pretende convencer-nos de que para os famintos não há pão, muito menos proveniente das pedras, nem na desgraça os anjos vêm em nosso auxílio. Quando muito, o mundo está nas mãos de forças malignas, que esmagam os povos com a arrogância dos seus planos e a violência da guerra. Enquanto o diabo nos quer fazer crer que o Senhor está longe de nós, levando-nos ao desespero, Deus aproxima-se ainda mais, dando a sua vida pela redenção do mundo.

E chegamos ao terceiro ponto: o *resultado das tentações*. Jesus, o Cristo de Deus, vence o mal, afasta o diabo, que, no entanto, voltará a tentá-lo “no

tempo oportuno” (cf. v. 13). É o que diz o Evangelho, e recordá-lo-emos quando, no Gólgota, voltarmos a ouvir dizer a Jesus: «Se és Filho de Deus, desce da cruz» (Mt 27, 40; cf. Lc 23, 35). No deserto, o tentador é derrotado, mas a vitória de Cristo ainda não é definitiva: sê-lo-á na sua Páscoa de morte e ressurreição.

Enquanto nos preparamos para celebrar o Mistério central da fé, reconhecemos que o resultado da nossa provação é diferente. Perante a tentação, por vezes caímos: somos todos pecadores. Todavia, a derrota não é definitiva, pois Deus levanta-nos de cada queda com o seu perdão, que é infinitamente grande em amor. A nossa provação não termina, pois, com um fracasso, porque em Cristo somos redimidos do mal. Atravessando com Ele o deserto, percorremos um caminho onde não havia nenhuma indicação: o próprio Jesus abre-nos este novo caminho de libertação e redenção. Seguindo o Senhor com fé, de errantes passamos a peregrinos.

Queridas irmãs e queridos irmãos, convido-vos a iniciar assim o nosso percurso quaresmal. E porque, ao longo do caminho, temos necessidade daquela boa vontade que o Espírito Santo sempre fomenta, é com alegria que saúdo todos os voluntários que hoje se encontram em Roma para a sua peregrinação jubilar. Muito obrigado, caríssimos, porque, a exemplo de Jesus, servis o próximo sem vos servirdes dele. Nas ruas e nas casas, ao lado dos doentes, dos que sofrem, dos encarcerados, com os jovens e os idosos, a vossa dedicação infunde esperança em toda a sociedade. Nos desertos da pobreza e da solidão, tantos pequenos gestos de serviço gratuito fazem florescer rebentos de uma nova humanidade: aquele jardim que Deus sonhou e continua a sonhar para todos nós.

JUBILEU DOS ENFERMOS E DO MUNDO DA SAÚDE

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO LIDA POR DOM RINO FISICHELLA

Praça São Pedro

V Domingo da Quaresma, 6 de abril de 2025

«Vou realizar algo de novo, que já está a aparecer: não o notais?» (Is 43, 19). São estas as palavras que, através do profeta Isaías, Deus dirige ao povo de Israel exilado na Babilónia. Para os israelitas é um momento difícil, parece que tudo está perdido. Jerusalém foi conquistada e devastada pelos soldados do rei Nabucodonosor II, e nada resta ao povo deportado. Os horizontes parecem fechados, o futuro sombrio e todas as esperanças destruídas. Tudo poderia levar os exilados a desistir, a resignar-se desoladamente e a não sentir-se mais abençoados por Deus.

Porém, precisamente neste contexto, o Senhor convida a acolher algo de novo que está a nascer. Não é qualquer coisa que vai suceder no futuro, mas é algo que já está a acontecer, que está a brotar como um rebento. Mas, de que se trata ao certo? O que é que pode nascer, ou melhor, o que é que pode já ter germinado num panorama de desolação e de desespero como aquele?

O que está a nascer é um povo novo. Um povo que, derrubadas as falsas seguranças do passado, descobriu o que é essencial: permanecer unido e caminhar juntos, à luz do Senhor (cf. Is 2, 5). Um povo que será capaz de reconstruir Jerusalém, porque, longe da Cidade Santa, com o templo destruído, não podendo já celebrar as liturgias solenes, aprendeu a encontrar o Senhor de uma outra maneira: na conversão do coração (cf. Jr 4, 4), na prática do direito e da justiça, na atenção aos pobres e necessitados (cf. Jr 22, 3), nas obras de misericórdia.

É a mesma mensagem que, de modo diferente, podemos igualmente tirar do trecho evangélico (cf. Jo 8, 1-11). Também aqui aparece uma pessoa, uma mulher, cuja vida está arruinada: não por um exílio geográfico, mas por uma condenação moral. É uma pecadora e, por isso, encontra-se longe da lei e está condenada ao ostracismo e à morte. Também para ela parece não haver mais esperança. Porém, Deus não a abandona. Pelo

contrário, precisamente no momento em que os seus carrascos já têm as pedras na mão, ali mesmo, Jesus entra na sua vida, defende-a e resgata-a da violência deles, dando-lhe a possibilidade de começar uma nova existência: «Vai» – diz-lhe – “estás livre”, “estás salva” (cf. 11).

Com estas narrativas dramáticas e comoventes, a liturgia de hoje convida-nos a renovar, no caminho quaresmal, a confiança em Deus, que está sempre ao nosso lado para nos salvar. Não há exílio, nem violência, nem pecado, nem qualquer outra realidade da vida que o impeça de estar à nossa porta e bater, pronto a entrar logo que lho permitamos (cf. *Ap* 3, 20). Aliás, é sobretudo quando as provações se tornam mais duras que a sua graça e o seu amor nos abraçam com uma força ainda maior, para nos reerguer.

Irmãs e irmãos, lemos estes textos no momento em que celebramos o Jubileu dos enfermos e do mundo da saúde, e não há dúvida que a doença é uma das provas mais difíceis e duras da vida, durante a qual tocamos com a mão o quanto somos frágeis. Tal como aconteceu com o povo exilado ou a mulher do Evangelho, ela pode levar a fazer-nos sentir privados de esperança no futuro. Mas não acontece assim. Nesses momentos, Deus não nos deixa sozinhos e, se nos abandonarmos a Ele, precisamente onde as nossas forças falham, podemos experimentar a consolação da sua presença. Ele mesmo, feito homem, quis partilhar a nossa fraqueza em tudo (cf. *Fl* 2, 6-8) e sabe bem o que é o sofrimento (cf. *Is* 53, 3). Por isso, podemos dizer-Lhe e confiar-Lhe a nossa dor, certos de que encontraremos compaixão, proximidade e ternura.

Mas não só! Com o seu amor cheio de confiança, Ele envolve-nos para que, por sua vez, nos tornemos nós mesmos, uns para os outros, “anjos”, mensageiros da sua presença, a tal ponto que tanto para quem sofre como para quem presta assistência, a cama de um doente se pode transformar, muitas vezes, num “lugar santo” de salvação e redenção.

Queridos médicos, enfermeiros e demais profissionais de saúde, enquanto cuidais dos vossos pacientes, em especial dos mais frágeis, o Senhor oferece-vos a oportunidade de renovar continuamente a vossa vida, alimentando-a com gratidão, misericórdia e esperança (cf. Bula *Spes non confundit*, 11). Ele chama-vos a iluminá-la com a consciência humilde de

que nada está garantido e tudo é dom de Deus; e a alimentá-la com aquela humanidade que se experimenta quando, deixadas por terra as aparências, permanece o que conta: os pequenos e grandes gestos de amor. Permiti que a presença dos doentes entre na vossa existência como um dom, para curar o vosso coração, purificando-o de tudo o que não é caridade e aquecendo-o com o fogo ardente e doce da compaixão.

E convosco, queridos irmãos e irmãs doentes, neste momento da minha vida, estou a partilhar muito: a experiência da enfermidade, de nos sentirmos frágeis, de depender dos outros em tantas coisas, de precisar de apoio. Nem sempre é fácil, mas é uma escola na qual aprendemos todos os dias a amar e a deixarmo-nos amar, sem exigir nem recusar, sem lamentar nem desesperar, agradecidos a Deus e aos irmãos pelo bem que recebemos, abertos e confiantes no que ainda está para vir. O quarto do hospital e a cama da enfermidade podem ser lugares onde se ouve a voz do Senhor que também nos diz a nós: «Vou realizar algo de novo, que já está a aparecer: não o notais?» (*Is* 43, 19). E, deste modo, renovar e fortalecer a fé.

O Papa Bento XVI, que nos deixou um belíssimo testemunho de serenidade durante o período da sua doença, escreveu: «a grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento» e «uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem [...] é uma sociedade cruel e desumana» (Cart. enc. *Spe salvi*, 38). É verdade! Enfrentar juntos o sofrimento torna-nos mais humanos e partilhar a dor é uma etapa importante em qualquer caminho de santidade.

Caríssimos, não afastemos da nossa vida aqueles que estão fragilizados, como por vezes hoje, infelizmente, faz um certo tipo de mentalidade, nem ostracizemos dos nossos ambientes a dor. Em vez disso, façamos dela uma oportunidade para crescer juntos, para cultivar a esperança graças ao amor que, primeiramente, Deus derramou nos nossos corações (cf. *Rm* 5, 5) e que, independentemente de tudo, é o que permanece para sempre (cf. *1Cor* 13, 8-10.13).

DOMINGO DE RAMOS
HOMILIA DO PAPA FRANCISCO
LIDA PELO CARDEAL LEONARDO SANDRI

Praça São Pedro

Domingo, 13 de abril de 2025

«Bendito seja o Rei que vem em nome do Senhor» (Lc 19, 38). É assim que a multidão aclama Jesus durante a sua entrada em Jerusalém. O Messias passa pela porta da Cidade Santa, aberta de par em par para acolher Aquele que, poucos dias depois, por ela sairá amaldiçoado e condenado, carregando a cruz. Hoje também nós seguimos Jesus, primeiro numa procissão festiva e depois num caminho doloroso, inaugurando a Semana Santa que nos prepara para celebrar a paixão, morte e ressurreição do Senhor. Enquanto observamos, no meio da multidão, os rostos dos soldados e as lágrimas das mulheres, a nossa atenção é atraída por um desconhecido, cujo nome entra inesperadamente no Evangelho: Simão de Cirene. Este homem é conduzido pelos soldados, que «carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus» (Lc 23, 26). Naquele momento, ele voltava do campo, estava de passagem, e deparou-se com um acontecimento que o oprimiu, tal como a madeira pesada sobre os seus ombros. No caminho para o Calvário, façamos um instante de reflexão sobre o gesto de Simão, procuremos o seu coração, sigamos os seus *passos* ao lado de Jesus. Primeiramente, reflitamos sobre o seu *gesto*, que é tão ambivalente. Por um lado, o Cireneu é obrigado a carregar a cruz: não ajuda Jesus por convicção, mas por obrigação. Por outro lado, vê-se a participar pessoalmente na Paixão do Senhor. A cruz de Jesus torna-se a cruz de Simão. Mas não daquele Simão chamado Pedro, que tinha prometido seguir sempre o Mestre. Aquele Simão desapareceu na noite da traição, após ter dito: «Senhor, estou pronto a ir contigo até para a prisão e para a morte» (Lc 22, 33). Agora, atrás de Jesus, não caminha o discípulo, mas este cireneu. E, contudo, o Mestre tinha ensinado claramente: «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-me» (Lc 9, 23). Simão da Galileia fala, mas não faz. Simão de Cirene faz, mas não fala: entre ele e Jesus não há diálogo, não se diz uma palavra. Entre ele e Jesus há apenas o madeiro da cruz. Para saber se o Cireneu socorreu ou não gostou do exausto Jesus, com quem teve

de dividir a pena, para compreender se carrega ou suporta a cruz, é preciso olhar para o seu *coração*. Enquanto o coração de Deus está prestes a abrir-se, trespassado por uma dor que revela a sua misericórdia, o coração do homem permanece fechado. Não sabemos o que habita no coração do Cireneu. Coloquemo-nos no seu lugar: sentimos raiva ou piedade, tristeza ou aborrecimento? Se nos lembramos do que Simão fez por Jesus, lembremo-nos também do que Jesus fez por Simão – e fez também por mim, por ti, por cada um de nós: redimiou o mundo. A cruz de madeira, que o Cireneu carrega, é a de Cristo, que carrega o pecado de todos os homens. Carrega-o por nosso amor, em obediência ao Pai (cf. *Lc* 22, 42), sofrendo conosco e por nós. É precisamente este o modo inesperado e perturbador com que Cireneu é envolvido na história da salvação, em relação à qual ninguém é estrangeiro, ninguém é estranho. Sigamos então os passos de Simão, pois eles nos ensinam que Jesus vem ao encontro de todos, em qualquer situação. Quando vemos a multidão de homens e mulheres que o ódio e a violência levam para o caminho do Calvário, lembremo-nos que Deus faz deste caminho um lugar de redenção, porque ele o percorreu dando a sua vida por nós. Quantos cireneus carregam a cruz de Cristo! Somos capazes de reconhecê-los? Vemos o Senhor nos seus rostos dilacerados pela guerra e pela miséria? Perante a injustiça atroz do mal, carregar a cruz de Cristo nunca é em vão, é antes a forma mais concreta de partilhar o seu amor salvador. A paixão de Jesus torna-se compaixão quando estendemos a mão àqueles que já não aguentam mais, quando levantamos os que caíram, quando abraçamos os que estão desanimados. Irmãos, irmãs, para experimentar este grande milagre da misericórdia, escolhamos como levar a cruz, durante a Semana Santa: não ao pescoço, mas no coração. Não só a nossa, mas também a daqueles que sofrem ao nosso lado; talvez a daquela pessoa desconhecida que o acaso – Mas será mesmo o acaso? – nos fez encontrar. Preparemo-nos para a Páscoa do Senhor tornando-nos cireneus uns dos outros.

SANTA MISSA CRISMAL

**HOMILIA DO PAPA FRANCISCO
LIDA PELO CARDEAL DOMENICO CALCAGNO**

Basílica de São Pedro

Quinta-feira Santa, 17 de abril de 2025

*Caríssimos Bispos e sacerdotes,
queridos irmãos e irmãs!*

«O Alfa e o Ómega, aquele que é, que era e que há-de vir, o Todo-Poderoso» (Ap 1, 8) é Jesus. O mesmo Jesus que Lucas nos descreve na sinagoga de Nazaré, entre aqueles que o conheciam desde pequeno e que agora se maravilham com Ele. A revelação – “apocalipse” – oferece-se dentro dos limites do tempo e do espaço: a carne é o ponto de apoio que sustenta a esperança. A carne de Jesus e a nossa. O último livro da Bíblia narra essa esperança. E fá-lo de uma forma original, dissipando todos os medos apocalípticos com o sol do amor crucificado. Em Jesus, o livro da história abre-se e pode ser lido.

Também nós, sacerdotes, temos uma história: renovando as nossas promessas de Ordenação na Quinta-feira Santa, confessamos que só a podemos ler em Jesus de Nazaré. «Aquele que nos ama e nos purificou dos nossos pecados com o seu sangue» (Ap 1, 5) abre também o livro da nossa vida e ensina-nos a encontrar as passagens que revelam o seu sentido e missão. Quando nos deixamos instruir por Ele, o nosso ministério torna-se um ministério de esperança, porque em cada uma das nossas histórias Deus abre um jubileu, isto é, um tempo e um oásis de graça. Perguntemo-nos: estou a aprender a ler minha vida ou tenho medo de o fazer?

Quando o jubileu começa na nossa vida, todo um povo encontra descanso: não só uma vez a cada vinte e cinco anos – assim o espero! –, mas na proximidade quotidiana do padre ao seu povo, na qual se cumprem as profecias de justiça e paz. «Fez de nós um reino, sacerdotes para Deus e seu Pai» (Ap 1, 6): eis o povo de Deus. Este reino de sacerdotes não coincide com um clero. O “nós” que Jesus plasma é um povo cujos limites não se veem, e no qual caem muros e alfândegas. Aquele que diz «Eu

renovo todas as coisas» (*Ap* 21, 5) rasgou o véu do templo e tem reservada para a humanidade uma cidade-jardim, a nova Jerusalém, que tem portas sempre abertas (cf. *Ap* 21, 25). Assim, Jesus lê e nos ensina a ler o sacerdócio ministerial como puro serviço ao povo sacerdotal, o qual em breve habitará uma cidade que não precisa de templo.

Portanto, para nós sacerdotes, o ano jubilar representa um apelo específico a recomençar sob o sinal da conversão: peregrinos de esperança, para sairmos do clericalismo e nos tornar arautos de esperança. Certamente, se Jesus é o Alfa e o Ómega da nossa vida, também nós podemos encontrar a oposição experimentada por Ele em Nazaré. O pastor que ama o seu povo não vive à procura de consenso e aprovação a qualquer custo. No entanto, a fidelidade do amor converte, os pobres reconhecem-no em primeira mão, mas, pouco a pouco, inquieta e atrai também os outros. «Olhai: [...] Todos os olhos o verão, até mesmo os que o trespassaram. Todas as nações da terra se lamentarão por causa dele. Sim. Amém!» (*Ap* 1, 7).

Caríssimos, estamos aqui reunidos para repetir e assumir como nosso este «Sim, Amém!». Trata-se da confissão de fé do povo de Deus: “Sim, é verdade, é firme como uma rocha!”. A paixão, morte e ressurreição de Jesus, que estamos prestes a reviver, são o terreno que sustenta firmemente a Igreja e, nela, o nosso ministério sacerdotal. E que terreno é este? Em que húmus podemos não só crescer, mas florescer? Para o compreendermos, temos de regressar a Nazaré, como tão acertadamente intuiu São Charles de Foucauld.

«Veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler» (*Lc* 4, 16). Temos aqui mencionados pelo menos dois costumes: o de frequentar a sinagoga e o de ler. A nossa vida é mantida por bons hábitos. Eles até podem esmorecer, mas revelam onde está o nosso coração. O coração de Jesus é apaixonado pela Palavra de Deus: aos doze anos, já a compreendia, e agora, uma vez adulto, as Escrituras são a sua casa. Aqui está o terreno, o húmus vital que encontramos ao tornarmo-nos seus discípulos. «Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem» (*Lc* 4, 17). Jesus sabe o que está a procurar. O ritual da sinagoga permitia-lho: depois da leitura da Torah, cada rabino podia encontrar páginas proféticas para

atualizar a mensagem. Mas aqui há algo mais: a página da sua vida. Lucas quer dizer o seguinte: entre tantas profecias, Jesus escolhe a que vai cumprir.

Queridos sacerdotes, todos nós temos uma Palavra a cumprir. Cada um de nós tem uma relação com a Palavra de Deus que vem de longe. Colocamo-la ao serviço de todos somente quando a Bíblia continua a ser a nossa primeira casa. Nela, cada um de nós tem páginas que lhe são mais caras, o que é bom e importante! Ajudemos também outros a encontrar as páginas das suas vidas: por exemplo, os noivos, quando escolhem as leituras do seu Matrimónio; ou aqueles que estão de luto e procuram passagens para confiar a pessoa falecida à misericórdia de Deus e às orações da comunidade. Geralmente, há uma página vocacional no início do caminho de cada um de nós. Através dela, se a conservamos, Deus continua a chamar-nos para que o amor não se enfraqueça.

Todavia, é também importante para cada um de nós, e de uma forma especial, a página escolhida por Jesus. Nós seguimo-lo e, por isso mesmo, a sua missão diz-nos respeito e envolve-nos. «Desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito:

“O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu
para anunciar a Boa-Nova aos pobres;
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista;
a mandar em liberdade os oprimidos,
a proclamar um ano favorável da parte do Senhor”.
Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se» (Lc 4, 17-20).

Nesse momento, todos os nossos olhos estão fixos n’Ele, que acaba de anunciar um jubileu e não o fez como quem fala de outrem. Ele disse: «o Espírito do Senhor está sobre mim» como quem conhece de qual Espírito está a falar. E, com efeito, acrescenta: «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir». Isto é divino: que a Palavra se torne realidade. As ações agora falam, as palavras realizam-se. Isto é novo e potente. «Eu renovo todas as coisas». Não há graça, nem Messias, se as

promessas permanecem promessas, se cá em baixo não se tornam realidade. Tudo se transforma.

É este o Espírito que invocamos sobre o nosso sacerdócio: fomos investidos dele e é precisamente o Espírito de Jesus que permanece o protagonista silencioso do nosso serviço. Quando as palavras se tornam realidade em nós, o povo sente o seu sopro. Os pobres – antes de todos os outros –, as crianças, os adolescentes, as mulheres, e também aqueles que na sua relação com a Igreja foram magoados, têm o “faro” do Espírito Santo: distinguem-no de outros espíritos mundanos, reconhecem-no na correspondência, em nós, entre anúncio e vida. Podemos tornar-nos uma profecia cumprida, e isso é bonito! O santo Crisma, que hoje consagramos, chancela este mistério transformador nas diferentes etapas da vida cristã. Mas atenção: nunca desanimar, porque é obra de Deus. Acreditar, sim! Acreditar que Deus não me falha! Deus nunca falha. Recordemos aquelas palavras da Ordenação: «Queira Deus consumir o bem que em ti começou». E assim faz.

É obra de Deus, não nossa: levar a boa nova aos pobres, a libertação aos prisioneiros, a vista aos cegos, a liberdade aos oprimidos. Se Jesus encontrou esta passagem no livro, hoje continua a lê-la na biografia de cada um de nós. Antes de mais, porque, até ao último dia, é sempre Ele que nos evangeliza, que nos liberta das nossas prisões, que abre os nossos olhos, que nos alivia dos fardos que carregamos aos ombros. E depois porque, ao chamar-nos para a sua missão, inserindo-nos sacramentalmente na sua vida, Ele liberta também os outros através de nós. Por norma, sem que nos apercebamos disso. O nosso sacerdócio torna-se um ministério jubilar, como o d’Ele, mas sem tocar as trombetas: numa entrega que não é estridente, mas radical e gratuita. É o Reino de Deus, aquele de que falam as parábolas, eficaz e discreto como o fermento, silencioso como a semente. Quantas vezes os pequeninos o reconheceram em nós? E nós, somos capazes de dizer obrigado?

Somente Deus sabe como a messe é grande. Nós, os operários, experimentamos o trabalho e a alegria da colheita. Vivemos depois de Cristo, no tempo messiânico. Lancemos para longe o desespero! E, ao invés disso, restituam-se e redimam-se as dívidas; redistribuam-se as

responsabilidades e os recursos: o povo de Deus espera por isso. Ele quer participar e, em virtude do Batismo, é um enorme povo sacerdotal. Os óleos que consagramos nesta solene celebração são para a sua consolação e alegria messiânica.

O campo é o mundo. A nossa casa comum tão ferida e a fraternidade humana tão negada, embora indelével, impelem-nos a fazer escolhas. A colheita de Deus é para todos: um campo vivo, no qual o que se semeou cresce cem vezes mais. Na nossa missão, sejamos animados pela alegria do Reino, que compensa todo o esforço. Realmente, todos os agricultores conhecem épocas em que não se vê germinar nada. Também elas não faltam nas nossas vidas. É Deus que faz crescer e que unge os seus servos com o óleo da alegria.

Queridos fiéis, povo da esperança, rezai hoje pela alegria dos sacerdotes. Que chegue até vós a libertação prometida pelas Escrituras e alimentada pelos Sacramentos. Muitos medos habitam em nós e terríveis injustiças nos rodeiam, mas um mundo novo já despontou. Deus amou tanto o mundo que nos deu o seu Filho, Jesus. Ele unge as nossas feridas e enxuga as nossas lágrimas. «Ele vem no meio das nuvens!» (Ap 1, 7). É d'Ele o reino e a glória para todo o sempre. Amém.

VIGÍLIA PASCAL NA NOITE SANTA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO
LIDA PELO CARDEAL GIOVANNI BATTISTA RE

Basílica de São Pedro

Sábado Santo, 19 de abril de 2025

É noite quando o círio pascal é levado lentamente até ao altar. É noite quando o canto do Precónio abre o nosso coração à exultação, porque a terra está «inundada por tão grande claridade» e «a luz de Cristo, o Rei eterno, dissipa as trevas de todo o mundo» (*Precónio Pascal*). Ao fim da noite, realizam-se os acontecimentos narrados no Evangelho que acabamos de proclamar (cf. *Lc 24, 1-12*): acende-se a luz divina da Ressurreição e a Páscoa do Senhor acontece quando o Sol ainda está por nascer; com os primeiros raios da aurora, vê-se que a grande pedra colocada no sepulcro de Jesus foi removida e algumas mulheres chegam ali revestidas de luto. A escuridão recobre a perplexidade e o medo dos discípulos. Tudo acontece durante a noite.

Assim, a Vigília Pascal recorda-nos que a luz da Ressurreição ilumina o caminho pouco a pouco, irrompe na escuridão da história sem alarido, brilha discretamente nos nossos corações. A ela corresponde uma fé humilde, desprovida de qualquer triunfalismo. A Páscoa do Senhor não é um acontecimento espetacular com o qual Deus se impõe a si mesmo e nos obriga a acreditar n'Ele; não é uma meta que Jesus alcança por um caminho fácil, contornando o Calvário; e nós tampouco podemos vivê-la de maneira des preocupada e sem hesitação interior. Pelo contrário, a Ressurreição é semelhante a pequenos rebentos de luz que fazem paulatinamente o seu caminho, sem fazer barulho, por vezes ainda ameaçados pela noite e pela incredulidade.

Este “estilo” de Deus liberta-nos de uma religiosidade abstrata, iludida ao pensar que a ressurreição do Senhor resolve tudo de um modo mágico. Longe disso: não podemos celebrar a Páscoa sem continuar a enfrentar as noites que trazemos no coração e as sombras de morte que muitas vezes pairam sobre o mundo. Cristo venceu o pecado e destruiu a morte, mas, na nossa história terrena, o poder da sua ressurreição ainda está a cumprir-se. E

tal realização, como um pequeno rebento de luz, é-nos confiada, para que a guardemos e a façamos crescer.

Irmãos e irmãs, especialmente durante o ano jubilar, é este o apelo que devemos sentir com força dentro de nós: *deixemos brotar a esperança da Páscoa* nas nossas vidas e no mundo!

Quando ainda sentimos o peso da morte dentro do nosso coração, quando vemos as sombras do mal que continuam a sua marcha ruidosa no mundo, quando sentimos arder as feridas do egoísmo ou da violência na nossa carne e na nossa sociedade, não desanimemos, voltemos ao anúncio desta noite: ainda que estejamos nas trevas, a luz brilha lentamente; aguarda-nos a esperança de uma vida nova e de um mundo finalmente libertado; um novo começo pode surpreender-nos, mesmo que às vezes pareça impossível, porque Cristo venceu a morte.

Este anúncio, que dilata o coração, enche-nos de esperança. Na verdade, em Jesus ressuscitado temos a certeza de que a nossa história pessoal e o caminho da humanidade, embora mergulhados numa noite em que as luzes ainda aparecem fracas, estão nas mãos de Deus; e Ele, no seu grande amor, não nos deixará vacilar e não permitirá que o mal tenha a última palavra. Ao mesmo tempo, esta esperança, já realizada em Cristo, permanece para nós uma meta a alcançar também por nós: foi-nos confiada para que dela nos tornemos testemunhas credíveis e para que o Reino de Deus possa entrar no coração das mulheres e dos homens de hoje.

Como recorda Santo Agostinho, «a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo marca a vida nova de todos aqueles que n'Ele creem; e este mistério da sua morte e ressurreição deveis conhecê-lo em profundidade e reproduzi-lo nas vossas vidas» (*Sermão 231, 2*). Reproduzir a Páscoa na nossa vida e tornarmo-nos mensageiros de esperança, construtores de esperança, enquanto tantos ventos de morte ainda sopram sobre nós.

Podemos fazê-lo com as nossas palavras, os nossos pequenos gestos quotidianos, as nossas escolhas inspiradas no Evangelho. Toda a nossa vida pode ser uma presença de esperança. Queiramos sê-lo para aqueles que não têm fé no Senhor, para quem se perdeu pelo caminho, para os que desistiram ou estão curvados sob o peso da vida, para quem está sozinho ou

fechado na própria dor, para todos os pobres e oprimidos da Terra, para as mulheres humilhadas e assassinadas, para as crianças maltratadas e para aquelas que nunca nasceram, para as vítimas da guerra. A todos e a cada um levemos a esperança da Páscoa!

Gosto de recordar uma mística do século XIII, Hadewijch de Antuérpia, que, inspirando-se no Cântico dos Cânticos e descrevendo o sofrimento pela ausência do amado, invoca o retorno do amor para que – diz – «a minha escuridão seja transformada» (Hadewijch, *Poesie Visioni Lettere*, Génova 2000, 23).

Cristo ressuscitado é o *ponto de viragem* definitivo da história humana. Ele é a esperança que não se extingue. Ele é o amor que nos acompanha e sustenta. Ele é o futuro da história, o destino último para o qual nos dirigimos para sermos acolhidos naquela vida nova em que o próprio Senhor *enxugará todas as nossas lágrimas* «e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor» (Ap 21, 4). E esta esperança da Páscoa, esta “reviravolta nas trevas”, devemos anunciá-la a todos.

Irmãs, irmãos, o tempo pascal é estação de esperança. «Ainda há medo, ainda há uma dolorosa consciência do pecado, mas há também uma luz que irrompe. [...] A Páscoa traz a boa notícia de que, embora as coisas no mundo pareçam estar cada vez pior, o mal já foi vencido. A Páscoa permite-nos afirmar que, embora Deus pareça distante e nós permaneçamos absorvidos por tantas pequenas coisas, o Senhor caminha conosco. [...] São muitos os raios de esperança que iluminam o caminho da nossa vida» (H. Nouwen, *Preghiere dal silenzio. Il sentiero della speranza*, Brescia 2000, 55-56).

Demos espaço à luz do Ressuscitado! E tornar-nos-emos construtores de esperança para o mundo.

DOMINGO DE PÁSCOA E DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

**HOMILIA DO PAPA FRANCISCO
LIDA PELO CARDEAL ANGELO COMASTRI**

Praça São Pedro

Domingo de Páscoa, 20 de abril de 2025

Maria Madalena, ao ver que a pedra do sepulcro tinha sido removida, começou a correr para ir avisar Pedro e João. Também os dois discípulos, tendo recebido aquela surpreendente notícia, saíram e – diz o Evangelho – «corriam os dois juntos» (Jo 20, 4). Os protagonistas dos relatos pascais correm todos! E este “correr” exprime, por um lado, a preocupação de que tivessem levado o corpo do Senhor; mas, por outro lado, a corrida de Maria Madalena, de Pedro e de João fala do desejo, do impulso do coração, da atitude interior de quem se põe à procura de Jesus. Ele, com efeito, ressuscitou dos mortos e, portanto, já não se encontra no túmulo. É preciso procurá-lo noutro lugar.

Este é o anúncio da Páscoa: é preciso procurá-lo noutro lugar. Cristo ressuscitou, está vivo! Não ficou prisioneiro da morte, já não está envolvido pelo sudário e, por isso, não podemos encerrá-lo numa bonita história para contar, não podemos fazer dele um herói do passado ou pensar nele como uma estátua colocada na sala de um museu! Pelo contrário, temos de O procurar, e, por isso, não podemos ficar parados. Temos de nos pôr em movimento, sair para O procurar: procurá-lo na vida, procurá-lo no rosto dos irmãos, procurá-lo no dia a dia, procurá-lo em todo o lado, exceto naquele túmulo.

Procurá-lo sempre. Porque se Ele ressuscitou, então está presente em toda a parte, habita no meio de nós, esconde-se e revela-se ainda hoje nas irmãs e nos irmãos que encontramos pelo caminho, nas situações mais anónimas e imprevisíveis da nossa vida. Ele está vivo e permanece sempre conosco, chorando as lágrimas de quem sofre e multiplicando a beleza da vida nos pequenos gestos de amor de cada um de nós.

Por isso, a fé pascal, que nos abre ao encontro com o Senhor ressuscitado e nos dispõe a acolhê-lo na nossa vida, é tudo menos uma

acomodação estática ou um pacífico conformar-se numa segurança religiosa qualquer. Pelo contrário, a Páscoa põe-nos em movimento, impele-nos a correr como Maria de Magdala e como os discípulos; convida-nos a ter olhos capazes de “ver mais além”, para vislumbrar Jesus, o Vivente, como o Deus que se revela e ainda hoje se torna presente, nos fala, nos precede, nos surpreende. Como Maria Madalena, podemos fazer todos os dias a experiência de perder o Senhor, mas todos os dias podemos correr para O reencontrar, sabendo com certeza que Ele se deixa encontrar e nos ilumina com a luz da sua ressurreição.

Irmãos e irmãs, aqui está a maior esperança da nossa vida: podemos viver esta existência pobre, frágil e ferida agarrados a Cristo, porque Ele venceu a morte, vence a nossa escuridão e vencerá as trevas do mundo, para nos fazer viver com Ele na alegria, para sempre. Em direção a esta meta, como diz o Apóstolo Paulo, também nós corremos, esquecendo o que fica para trás e vivendo orientados para o que está à nossa frente (cf. *Fl* 3, 12-14). Apressemos-nos então a ir ao encontro de Cristo, com o passo ligeiro de Maria Madalena, Pedro e João.

O Jubileu convida-nos a renovar em nós mesmos o dom desta esperança, a mergulhar nela os nossos sofrimentos e as nossas inquietações, a contagiar aqueles que encontramos no caminho, a confiar a esta esperança o futuro da nossa vida e o destino da humanidade. Por isso, não podemos estacionar o nosso coração nas ilusões deste mundo, nem fechá-lo na tristeza; temos de correr, cheios de alegria. Corramos ao encontro de Jesus, redescubramos a graça inestimável de ser seus amigos. Deixemos que a sua Palavra de vida e verdade ilumine o nosso caminho. Como dizia o grande teólogo Henri de Lubac, «bastar-nos-á compreender isto: o cristianismo é Cristo. Verdadeiramente, não há nada mais do que isso. Em Cristo temos tudo» (*Les responsabilités doctrinales des catholiques dans le monde d’aujourd’hui*, Paris 2010, 276).

E este “tudo”, que é Cristo ressuscitado, abre a nossa vida à esperança. Ele está vivo e ainda hoje quer renovar a nossa vida. A Ele, vencedor do pecado e da morte, queremos dizer:

«Senhor, nesta festa, pedimos-vos este dom: que também nós sejamos novos para viver esta perene novidade. Afastai de nós, ó Deus, a poeira

triste da rotina, do cansaço e do desencanto; dai-nos a alegria de acordar, a cada manhã, com os olhos maravilhados, para ver as cores inéditas daquele amanhecer, único e diferente de todos os outros. [...] Tudo é novo, Senhor, e nada repetido, nada envelhecido» (A. Zarri, *Quasi una preghiera*).

Irmãs, irmãos, na maravilha da fé pascal, trazendo no coração todas as expectativas de paz e libertação, podemos dizer: Convosco, Senhor, tudo é novo. Convosco, tudo recomeça